

O CONHECIMENTO QUE TODOS AMBICIONAM

Fernando Nogueira Dias

A MESMIDADE COMO VIRTUDE

Fico sempre muito preocupado quando ouço ou vejo escrita a expressão «Uma Nova Ordem» - às vezes acrescenta-se-lhe a palavra «Internacional». Não podemos deixar de nos questionar sobre esta expressão, que por vezes esconde em si tantos malabarismos. Mas «uma nova ordem» comparativamente com o quê? Em função de quê? De quem e para quem? Que parâmetros definem a dita «nova ordem»? E quem se julga no direito de definir essa nova utopia, se quisermos, esse novo sistema de ver e de lidar com o mundo?

Tantas interrogações que se podem levantar a esta pretensão. Não seria preferível deixarmos por um pouco o futuro dos outros em paz e preocuparmo-nos mais com o futuro de cada um de nós? Talvez o mundo pudesse ser um pouco menos tenso e neurótico e, acima de tudo, sofrer menos com a imposição louca de alguns iluminados e predestinados a salvar os outros.

«Um Governo Mundial», baptizado por alguns como «A Nova Ordem Mundial», parece não ser nada de novo. Já os primeiros papas da Igreja Católica se aventuraram a fazer algo parecido com uma nova ordem mundial: a promoção de uma igreja universal¹, uma igreja referência à luz da qual o mundo deve ser julgado e condenado.

Um governo espiritual traria a vantagem de controlar não só os espíritos, como também os corpos que albergam esses mesmos espíritos. A unanimidade oferecida por um tal governo é sempre vista por alguns como um bem para todos. Mas quer se trate de religião, de política ou de teorias científicas ou filosóficas, a «mesmidade» é sempre irmã da «massa», da ausência de crítica e de reflexão.

O Império Romano tinha, entre outros impérios, tentado materializar esta ambição de impor uma «nova ordem» aos «bárbaros», ignorantes dos valores, normas e conhecimentos que então pautavam a vida de uma parte concreta da humanidade: os romanos. Por serem por eles considerados os melhores valores, o

¹ Oswald Le Winter (2002: 14-15), *Democracia e Secretismo*, Mem Martins, Publicações Europa-América.

natural seria impô-los aos outros, de preferência a bem, pois de outro modo lá estariam as legiões com a sua habitual «barbaridade» para a exercer sobre os «bárbaros», que são sempre os «outros».

Na Idade Média, com o seu sistema monopolizado de valores, normas e conhecimento, uma elite comandou a ordem das coisas, como se de embaixadores da «ordem divina» na Terra se tratasse. Também aqui a intenção não deixava de ser nobre: decidir pelos outros e para os outros o que por eles era considerado melhor.

As utopias que impregnavam muitos filósofos, políticos e religiosos no decorrer da História da Humanidade, essencialmente nos séculos IXX e XX, não deixaram de ser tentativas de conduzir a vida dos outros, ainda que das melhores intenções se tratasse.

Mas as coisas não ficariam por aqui. A nova ordem industrial, consubstanciada numa ideologia empresarial de vendas maciças, com o suporte de técnicas publicitárias baseadas nos mecanismos do comportamentalismo viriam, de facto, a impor aos cidadãos não só consumos e estilos de vida, como também novas formas de percepcionar o mundo e os outros iguais a si.

Após esta onda avassaladora de massificação de produtos, de serviços e de ideias, eis que surgem as técnicas apuradas do marketing. A ideologia já não é a de impor o mesmo a todos, nivelando pela «mesmidade» simultaneamente generalizada, como diria Ortega Y Gasset², mas sedutoramente oferecer a ideologia por segmentos de mercado. Ou seja, dividem-se as massas por critérios de idade, sexo, habitat, profissão, etc.; estudam-se-lhe as tendências, para de seguida lhes impor o que os estrategas da produção e do consumo julgam adequado ao seu perfil – o designado «responder às necessidades do mercado».

A OBSESSÃO PELO CONTROLO

Ao fim e ao cabo, tem havido muitas «novas ordens» ao longo do tempo, e mesmo no decurso do tempo que é o nosso. Exemplo disto é a ideologia proposta pelos «*cibernéticos*» da Escola de Palo Alto, na Califórnia, que traria à Humanidade uma nova forma de olhar o mundo, graças ao paradigma de que «tudo é

² Ortega y Gasset (1989), *A Rebelião das Massas*, Lisboa, Relógio d'Água.

comunicação». Este novo enquadramento epistemológico proporcionaria à humanidade não só uma nova visão das coisas, como também avanços científicos e tecnológicos - especialmente para os militares.

A emergência de um tal projecto³ afasta de si a necessidade de se recorrer à profundidade dos valores humanos para melhor se compreender o homem. Com efeito, trata-se de uma nova ordem que propõe uma visão diferente do mundo, assente em parâmetros de visibilidade comunicacional e relacional dos indivíduos, pois tudo, mas tudo, a partir de agora passa a ser visto em termos de comunicação⁴.

A estrutura deste projecto utópico pode ser decomposta em quatro variáveis de análise. Em termos sociológicos, as relações entre os seres humanos obedeceriam a pressupostos de transparência comunicacional, para combater a opacidade das sociedades. Com a comunicação, far-se-ia frente às sociedades fechadas; a comunicação seria a inimiga do «demónio entrópico»⁵. Com este combate as sociedades tornar-se-iam democráticas, transparentes do ponto de vista das relações sociais, graças aos processos de comunicação.

Ao nível comunicacional, esta nova ordem teria os benefícios que nos advêm do facto de podermos tratar a comunicação cientificamente, como objecto autónomo, permitindo-nos desta forma desenvolver as tecnologias da comunicação. E é daqui que surge a ideologia de que a «sociedade de informação» irá, finalmente, resolver os seus males endémicos. Pondo todos a comunicar com todos, tudo se resolverá. O que interessa é que todos comuniquemos uns com os outros.

Em termos epistemológicos, a ideia de uma pan-comunicação repercute-se numa visão unificada das ciências, criando entre elas laços de transdisciplinaridade, através de um novo objecto de estudo: a comunicação. Deixaria, assim, de haver lacunas no mapa do conhecimento científico. Passaria também a haver uma visão unificada do mundo, em termos de fluxos de comunicação. E o todo teria primazia

³ Na obra «A Utopia da Comunicação», publicada pelo Instituto Piaget, Philippe Breton analisa em pormenor as condições epistemológicas, sociológicas, comunicacionais e antropológicas desta ideologia comunicacional que o grupo dos «cibernéticos» defendeu na década de 40, como proposta de uma nova ordem para a Humanidade.

⁴ Philippe Breton (1994), *A Utopia da Comunicação*, Lisboa, Instituto Piaget.

⁵ A entropia é a segunda lei da termodinâmica, que se refere a um estado de desgaste de um sistema fechado. Aplicado aos sistemas sociais, este conceito refere-se a sociedades fechadas que, por não receberem informação, tendem para a desorganização, para o caos ou mesmo a morte.

em relação às partes que o constituem, já que o conhecimento sintético se sobreporia ao conhecimento analítico.

No campo antropológico, a nova ordem propõe um novo homem: o «*Homo communicans*» - o Homem comunicacional⁶. Trata-se de um homem sem interioridade, voltado para a exterioridade das suas relações; por isso ele vale o que consegue demonstrar pelos actos de comunicação. Os seus valores não são nesta perspectiva considerados, já que o que importa é o que está de fora de si mesmo. Um homem assim corresponde à «caixa negra» da cibernética, que processa informação, da que entra e da que sai. Temos assim um homem que obedece e reage a estímulos comunicacionais, especialmente da comunicação social. Um homem moderno que emerge da sociedade de comunicação e de informação, mas que, ao fim e ao cabo, não passa de um homem «pavloviano».

São estas e outras as «novas ordens» de conhecimento⁷ que uns quantos consideram que os outros devem «democraticamente» aceitar, pois é para eles o melhor que os «especialistas» aconselham. São sempre os especialistas, sejam eles técnicos ou políticos. Mesmo que eles nada saibam sobre os outros ou mesmo sobre si próprios, eles sabem sempre o que é melhor para os outros.

QUEM CONTROLA OS CONTROLADORES

Os especialistas da «nova ordem» procuram actuar de duas formas: (1) conhecer para melhor actuar sobre os outros; (2) impor conhecimento aos outros, para que os outros actuem em conformidade.

Pelo caminho que as coisas tomam, qualquer dia vamos ver que os estudos de opinião, os inquéritos e as entrevistas deixarão de fazer parte do arsenal metodológico das ciências sociais, pois, para os especialistas conhecerem para melhor actuar basta-lhes-á introduzirem-se nos computadores dos outros, instalando-lhes abusivamente «spyware» através da Internet, *software* de

⁶ Philippe Breton (2002: 159), *A Palavra Manipulada*, Lisboa, Editorial Caminho.

⁷ Embora do ponto de vista teórico tenhamos que distinguir os conceitos de dados de informação, informação, comunicação e conhecimento, por uma questão de simplificação de linguagem, e sobretudo quando nos referimos à comunicação social, o conceito de conhecimento é neste trabalho assumido como o equivalente de informação e, nalguns casos, como de comunicação.

espionagem, e ficarão a saber, com rigor, o perfil e os hábitos dos seus potenciais consumidores (sejam eles de produtos, serviços ou ideias).

Para que os outros actuem em conformidade, é necessário impor-lhes quadros de conhecimento já estruturado, tidos como bons para quem os concebe, e para isso os meios de comunicação em geral, e os órgãos de informação em particular, podem com eficácia colaborar na cruzada do convencimento.

O conhecimento como forma de antecipação da realidade nunca deixou de apoquentar e, ao mesmo tempo, interessar os homens. Quem não se lembra do pecado cometido por Adão e Eva no Jardim do Éden? Que pecado tão horrível teriam eles cometido para que Deus os tivesse expulsado do Paraíso e os tivesse, a partir daí, sujeitado à humilhação de uma vida de dor e sofrimento?

O grande pecado dos pais da Humanidade foi o de terem querido suplantar a sua própria condição de humanos e tornarem-se iguais a Deus. Como? Apropriando-se do conhecimento, que só aos seres superiores pertence. Um e outro ousaram comer do fruto proibido. E que fruto era esse? O fruto (a «maçã») do conhecimento, retirado abusivamente da «árvore do bem e do mal».

Tanto é que, depois da desobediência, já que Deus os tinha previamente avisado de que não poderiam comer daquele fruto tabu, passaram a ver a realidade de forma muito diferente: «...e viram que estavam nus»⁸.

A nudez das coisas é-nos dada pelo conhecimento que temos delas. O conhecimento tira a «roupa» da ignorância e das ideias feitas. Por isso não é de estranhar que a grande ambição da Humanidade, pelos menos de alguns homens, seja a de possuir o conhecimento, se quisermos, a informação.

Dizem alguns que quem detém a informação detém o poder. Por isso, informação (conhecimento) é sinónimo de poder, ou não foi isso que, mais uma vez, o povo hebreu pretendeu ao construir uma torre que chegasse ao céu, a Torre de Babel?⁹

Que pretendiam aqueles ousados humanos com uma torre daquelas proporções, senão poderem entrar em contacto com os deuses? A ambição era

⁸ Livro de Génesis, 3: 1-24.

⁹ Livro de Génesis, 11: 1-9.

legítima: chegar aos céus para terem uma nova visão do que lá se passava; um conhecimento diferente das coisas.

E mais uma vez, o que lhes aconteceu por tamanha ousadia? A vingança divina não se fez esperar. Depois de os seres celestes terem conferenciado sobre o ocorrido, decidiram divinamente infligir um castigo exemplar aos homens: confundi-los, baralhá-los, com a imposição de diferentes línguas.

A partir daqui, a Humanidade teria mais dificuldade em entender-se, em comunicar uns com os outros, e, por conseguinte, em partilhar conhecimentos. E daí a «Torre de Babel» - a torre da confusão, da ignorância. Veremos mais à frente que uma das estratégias de manipulação é, exactamente, a «babel», ou seja: a desordem, a confusão, causadas pela dupla informação ou pelos excesso de mensagens provenientes dos diferentes poderes.

Sabendo alguns os riscos que correm em ousar conhecer o que não devem, mesmo assim insistem em conhecer o que lhes não pertence. Não será por acaso o que se passa com os sistemas de vigilância e de espionagem, como por exemplo o conhecido «Espião Electrónico Secreto da América: ECHELON»?

De acordo com o major-general, dirigente dos serviços secretos americanos e académico, Oswaldo Le Winter¹⁰, A Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos (NSA) desenvolveu um sistema de espionagem global, com o objectivo de espiar e analisar os telefonemas, os faxes, o correio electrónico e as mensagens de telex dirigidas para qualquer ponto do globo.

Controlado pela NSA, o ECHELON tem outros países associados na exploração deste projecto de espionagem: Inglaterra, Canadá, Austrália e Nova Zelândia. Quais as finalidades de um projecto desta envergadura? É claro que ele terá preocupações de prevenção contra acções de terrorismo e outro tipo de criminalidades. Mas quem controla este sistema anti-democrático? Que critérios, com que objectivos? E o que consideram eles terrorismo ou crime, o que cabe nas malhas dos seus pressupostos? Quem mandatou os seus promotores?

Com sistemas destes e com o controlo que é hoje possível na maior rede de comunicação global, a Internet, não terão alguns homens a tentação de querer

¹⁰ Oswaldo Le Winter, *op. cit.*, pp. 139 e seg.

conhecer para antecipar, e de impor a sua visão para os outros agirem em conformidade com os seus desígnios? Por outras palavras: sistemas de conhecimento para uma qualquer «Nova Ordem»?

O grande problema que se nos coloca é este: a relação entre comunicação – conhecimento – liberdade. A liberdade não tem uma ontologia própria, nem é um bem adquirido, para que possamos sobre ela descansar. É necessário que os indivíduos a conquistem e construam consecutivamente, que se apossam dela e lutem para que ela não se lhes escape.

Para isso, os indivíduos têm que recorrer a actos de vigilância sobre o mundo que os rodeia, e muito concretamente sobre a informação que os inunda no quotidiano das suas vidas. Não se trata aqui de estigmatizar determinados tipos de fontes ou de meios de informação; também não é nossa intenção enaltecer uns ou sobrelevar o papel de outros. Trata-se de uma postura, se quisermos, de uma atitude permanente, perante a vida: «duvidar como método», assim nos recomendava o filósofo Descartes.